



Trabalho 2566

O GRUPO DE DISCUSSÃO COMO ESTRATÉGIA DE OBTENÇÃO DE DADOS ANALISADOS PELO ALCESTE SOB A PERSPECTIVA DO PENSAMENTO COMPLEXO

Nádia Fontoura Sanhudo¹

Marléa Chagas Moreira²

Trata-se de um recorte metodológico de Tese de Doutorado, a qual possui como objeto de estudo as estratégias de liderança para a incorporação pela equipe de enfermagem de medidas de prevenção e controle de infecções em clientes com câncer. Nesse momento, o objetivo é descrever o grupo de discussão como uma estratégia de obtenção de dados, os quais foram analisados por um *software*, num estudo sob a perspectiva do pensamento complexo. Configura-se numa pesquisa de campo de natureza qualitativa, na modalidade da Pesquisa Convergente Assistencial (PCA)¹. O cenário é um Centro de Assistência de Alta Complexidade em Oncologia (CACON), situado no Município de Juiz de Fora-MG. Os sujeitos são enfermeiros líderes que estão na gerência do processo assistencial. A produção dos dados ocorreu em três etapas, a primeira através da entrevista individual com 15 enfermeiros líderes, a segunda e a terceira por meio de grupo de discussão. Os temas dos encontros com o grupo de discussão foram oriundos das entrevistas individuais, a intenção foi representar questões que interesse aos enfermeiros líderes, pois o processo de produção de dados foi construído em conjunto, onde o pesquisador é o responsável pela condução do grupo para propor e discutir as estratégias de liderança em enfermagem que favoreçam a incorporação pela equipe de enfermagem das medidas de prevenção de infecções em clientes com câncer. Para o tratamento dos dados adotou-se o programa Alceste² (Análise Lexical Contextual de um Conjunto de Segmentos de Texto), utilizado para análise estatística de dados textuais. O estudo obteve aprovação do CEP/HESFA sob o protocolo nº 14714. Adotamos a noção de pequeno grupo, para fundamentar a eleição dessa técnica, onde é considerado como um sistema vivo formado por indivíduos-sujeitos humanos, possuidores de linguagem, cultura e consciência, e como atividade humana essencial no processo de produção e organização social³. Quando elegemos dar voz ao grupo, estamos favorecendo o princípio da dialogicidade, ou seja, aquele que procura estabelecer a comunicação, articulação entre as diferentes lógicas, assumindo as relações paradoxais, conflitivas e de tensão entre partes e todo, indivíduo e o grupo, indivíduo e sociedade, sem sacrificar um aspecto em detrimento do outro³. Entende-se que para a efetividade de medidas de prevenção de infecções, os enfermeiros precisam transcender aos programas estanques, precisam de estratégias não lineares que contemple a realidade vivida por eles, que sejam submetidas à discussão e conduza a organização dos conhecimentos, considerando os indicativos da reforma do pensamento reducionista para um pensar complexo apresentado por Morin⁴. A opção em dar continuidade ao estudo, na busca desse pensar complexo adotando a técnica de grupo, baseou-se na ideia de que as estratégias são implementadas pelos enfermeiros, sendo fundamental que a construção fosse desenvolvida por eles, ou seja, construídas pelo grupo. Para os aspectos operacionais na realização do grupo de discussão, adotamos as orientações de Mota e Munari, referente ao enquadre do trabalho grupal, o qual se constitui em um conjunto de aspectos inerentes ao processo grupal, prevê uma série de detalhes que o grupo necessita para atingir os objetivos propostos, ao mesmo tempo em que dá subsídios ao coordenador para uma atuação mais efetiva⁵. O Planejamento do grupo de discussão visou

¹Enfermeira Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da EEAN/UFRJ, Núcleo de Pesquisa Gestão em Saúde e Exercício Profissional da Enfermagem. nadiasanhudo@gmail.com

²Enfermeira Doutora. Professora Adjunta EEAN/UFRJ. Líder Grupo de Pesquisa Gerência e Processos de Cuidar na Enfermagem em Oncologia. Núcleo de Pesquisa Gestão em Saúde e Exercício Profissional da Enfermagem. marleachagas@gmail.com.



Trabalho 2566

favorecer a construção coletiva pelos enfermeiros líderes das estratégias de liderança, para serem adotadas junto à equipe de enfermagem, para a incorporação das medidas de prevenção de infecções. A operacionalização do grupo de discussão iniciou-se com acolhimento e aquecimento do grupo. O trabalho teórico inicial ocorreu por meio do fornecimento de *feedback* aos enfermeiros sobre as situações-problemas vivenciadas por eles, identificados na primeira etapa do estudo, onde foi realizada uma breve exposição sobre a análise dos dados através do programa Alceste. As classes foram denominadas a partir dos *temas* mais frequentes, com a intenção de representar a ideia central de cada classe. No programa Alceste, as classes representam o contexto que foi abordado pelos sujeitos. Como forma de introduzir as classes, apresentamos um panorama sobre o que representava cada uma, antes de fazer as perguntas geradoras de reflexão. Na perspectiva do pensamento complexo, é preciso saber distinguir e saber integrar os elementos-aspectos que compõem um fenômeno. Assim, os problemas relativos à implementação das medidas de prevenção de infecção foram destacados de suas respectivas classes, como subcategorias, que foram apresentadas ao grupo para operacionalizar a discussão. Para alcançar essa dinâmica no grupo, foram elaboradas questões iniciais, as quais foram lançadas na intenção de instigar a discussão e refletirmos sobre as estratégias de liderança, que poderiam adotar ou já adotam para atuar naquela questão. Seguindo essa concepção, as questões foram apresentadas, entendendo o indivíduo enfermeiro numa esfera coletiva. Intencionalmente todas as perguntas, iniciam com a seguinte expressão, “*Como nós enfermeiros podemos desenvolver estratégias para...*”. Iniciamos a dinâmica apresentando a classe 1, para passar para a seguinte estimulávamos a participação de todos, após colher as ideias e discuti-las numa aproximação não com o esgotar do assunto, mas quando as falas tornavam-se repetitivas. Para passar para a discussão de outra classe, era realizada uma compilação das principais ideias, sendo proposto passar para a próxima questão, e assim foi sucessivamente. O grupo demonstrou-se amadurecido, no sentido de defender suas opiniões, tendo respeito pela vez do colega em sua exposição, evitando cortar a sua fala, mas argumentando quando discordavam. Foram respeitadas as opiniões e atitudes, num território de pesquisa que valorizou o espaço dialógico. As discussões que por ventura tornaram-se mais acaloradas, e não pertinentes ao fenômeno estudado, foram reconduzidas ao cerne do estudo, situação que ocorreu em dois momentos com mais força, quando foi abordado o modo de organização do cuidado e a educação continuada. Durante o grupo, todos os enfermeiros permaneceram atentos e participantes, apenas um sujeito se ausentou do grupo, pois foi chamado em seu setor. O grupo manifestou satisfação em participar do encontro, também ressaltaram a necessidade da enfermagem desenvolver espaços dialógicos para discutir e fortalecer as ações dos enfermeiros. Considerações Finais: No olhar desse estudo onde o sujeito é entendido como ativo no sistema sendo produtor e produto dele, desenvolve um movimento que fortaleça a formação do sujeito profissional de forma contínua por meio da ação-reflexão-ação. Dessa forma, adoção do grupo de discussão foi uma estratégia adotada para refletir sobre a ação, validando positivamente essa técnica de pesquisa para formulação de estratégias que serão adotadas de forma coletiva.

Descritores: Pesquisa Metodológica em Enfermagem; Enfermagem Oncológica; Controle de Infecções.

Eixo IV - Formação em Enfermagem e as políticas sociais.

Referências:

1. Paim L, Trentini M, Madureira VSF, Stamm M. Pesquisa convergente-assistencial e sua aplicação em cenários da enfermagem. *Cogitare Enferm* 2008;13(3):380-6.



Trabalho 2566

2. Camargo BV. ALCESTE: um programa informático de análise quantitativa da das textuais. In: A.S.P. Moreira (org.). Perspectivas teórico-metodológicas em Representações Sociais. Universidade Federal da Paraíba-João Pessoa / Editora Universitária, 2005:511-39.
3. Alves MC, Seminotti N. O pequeno Grupo e o paradigma da Complexidade de Edgar Morin. Psicologia USP 2006;17(2):113-33.
4. Morin, E. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. 14ª ed. Tradução: Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2008.
5. Mota KAMB, Munari DB. Um olhar para a dinâmica do coordenador de grupos. Rev. Eletr. Enf. [Internet]. 2006;8(1):150-61. Available from:http://www.fen.ufg.br/revista/revista8_1/atualizacao.htm.